

O D I Á L O G O

«Tudo pela democracia cultural»

Prêço: Cr\$ 100

Quinzenal que está ao alcance de todos no I.E.E.

TESOUREIRO:
Maximiliano Moura

DIRETOR:
Roberto Cascaes

REDATORES:
Sérgio Bonson
Carlos Alberto Maciel

ANO I

Florianópolis, 26 de Setembro de 1966

Nº II

ÊLES E NÓS

Professôres e estudantes,
Dois tipos interessantes
Um, é matéria que se renova;
Outro, é querer passar sem prova.

Ah! Os nossos estudantes,
Que alegria que êles têm;
Quando o Amâncio anuncia:
O Pereira hoje não vem.

Eu ontem "manjei" a mímica;
Vejam que "troço bacana";
Um certo professôr de Química
Cantando **Juanita Banana**.

A Dilza, "de Português",
Querem ver ela legal;
Gritem bem alto na sala:
Canções é o maioral.

Vão entrando, vão sentando,
Quieto, quieto, menino;
Sem fumar e sem gritar,
Aí vem o Celestino.

Professôres não levem a sério,
Estudantes que não levem a mal;
Estas quadrinhas sem métrica,
São só para "O Diálogo" — jornal legal, natural...

Luiz Alberto Silveira
IIº Ci.-F.

Dez minutos para o fim

Sérgio L. C. Bonson

Um clima pesado e sufocante domina o cubículo.

Uma voz chata e monótona balbucia umas bobagens lá na frente.

Rectos sonolentos, marcados pela angústia e estereotipados pelo imutável dia-a-dia, se agitam irracionalmente, trocando olhares suplices e cúmplices.

Faltam dez para as dez horas e o tempo parece não ter fim. Os relógios daqueles pobres sêres estão paralisados pela sua própria pressa e dentro daquele vácuo, os segundos são minutos e os minutos, horas.

Numerosos são os cubículos e numerosas são as situações idênticas.

Mas, naquele cubículozinho a monotonia e o abarrecimento parecem ser duplicados. Talvez fôsse culpa daquele energúmeno lá na frente que só sabia dizer coisas vagas e desinteressantes, amedrontando a todos com aqueles gestos malucos.

— Ei, que horas são, quantos minutos faltam? — essa pergunta é geral. A resposta é sempre a mesma, com as mesmas características: — Faltam dez... ainda.

Ah! faltam dez ainda... Que coisa horrível! Ainda faltam dez minutos malditos para terminar aquela tortura. Com certeza os pais daquelas pobres criaturas não sofrem tanto. Eles, muitas vezes, fazem o que querem e quando querem. Mas... aqueles sofredores... ai! aqueles fazem o que não querem (tem umas exceções, claro) e quando não querem.

Quantos ali não têm coisa mais importante para fazer do que bancar o autômato num lugar de coisas mecânicas? Todos êles, ou quase todos.

Como é possível que tamanha desumanidade seja imposta à pessoas assim tão débeis e fracas? Sentir na carne os agulhões do automatismo e do dinheirismo, ver aqueles monstros deformados, a dizerem coisas complicadas e sem nexos, isto é absurdo, incrível!

Não! Isto precisa mudar. Essa coisa aqui é uma máquina de fazer neuróticos...

Quem serão êsses coitados amanhã? Apenas sêres tontos e sem visão. Homens que nao sabem o que fazem, por lhes ter sido extinta a chama de idealismo e embotada a capacidade de desenvolver suas aptidões.

Ai! Faltam ainda cinco minutos.

— Atenção, atenção! Prestai atenção ao que êle vos diz... ireis rir um bocado.

— Anotai, anotai!. Olhai com atenção. Êle vem ver o que vós fizestes.

— Fazei, fazei com cuidado.

Chí! Que droga. Quem vai anotar, quem vai prestar atenção? Ninguém! Só se presta atenção ao relógio...

— Quanto falta?

Ai! Que praga. Três minutos ainda. Três longos minutos — de enchimento.

— Quanto falta?

— Falta um.

— Um? — alegria geral, movimento de todos.

Atenção! Vai bater, vai bater... BATEU!

— ÔBA! TERMINOU A AULA!...

FLAGRANTE COLHIDO PELO SERVIÇO DE REPORTAGEM DE "O D I A L O G O"



Evoluções feitas em frente ao palanque oficial, demonstraram a superioridade do I.E.E. As demonstrações realizadas pela "banda", superaram as expectativas e encheram de júbilo e orgulho os estudantes que assistiram ao espetáculo. Foi realmente o maior desfile já realizado, com a presença de 3.000 alunos deste estabelecimento e de outras tantas escolas.

O DIÁLOGO

«Tudo pela democracia cultural»

Prêço: Cr\$ 100

Quinzenal que está ao alcance de todos no I.E.E.

TESOUREIRO:
Maximiliano Moura

DIRETOR:
Roberto Cascaes

REDATORES:
Sérgio Bonson
Carlos Alberto Maciel

ANO I

Florianópolis, 26 de Setembro de 1966

Nº II

ÊLES E NÓS

Professores e estudantes,
Dois tipos interessantes
Um, é matéria que se renova;
Outro, é querer passar sem prova.

Ah! Os nossos estudantes,
Que alegria que eles têm;
Quando o Amâncio anuncia:
O Pereira hoje não vem.

Eu ontem "maqui" a mimica;
Vejam que "troço bacana";
Um certo professor de Química
Cantando Juanita Banana.

A Dilza, "de Português",
Querem ver ela legal,
Gritem bem alto na sala:
Camões é o maioral.

Vão entrando, vão sentando,
Quieto, quieto, menino;
Sem fumar e sem gritar,
Aí vem o Celestino.

Professores não levem a sério,
Estudantes que não levem a mar;
Estas quadrinhas sem métrica,
São só para "O Diálogo" - jornal legal, natural.

Luiz Alberto Silveira
IP: C. P.

FLAGRANTE COLADO PELO SERVIÇO DE REPORTAGEM DE "O DIÁLOGO"



Evoluções feitas em frente ao palanque oficial, demonstraram a superioridade do I.E.E. As demonstrações realizadas pela "banda", superaram as expectativas e encheram de júbilo e orgulho os estudantes que assistiram ao espetáculo. Foi realmente o maior desfile já realizado, com a presença de 3.000 alunos deste estabelecimento e de outras tantas escolas.

Dez minutos para o fim

Sérgio L. C. Bonson

Um clima pesado e sufocante domina o cubículo.

Uma voz chata e monótona balbucia umas bobagens lá na frente.

Rectos e sondentos, marcados pela angústia e estereotipados pelo imutável da-a-a-a, se agitam incansavelmente, trocando olhares suplicios e cúmplices.

Faltam dez para as dez horas e o tempo parece não ter fim. Os relógios daqueles pobres seres estão paralisados pela sua própria pressa e dentro daquele vácuo, os segundos são minutos e os minutos, horas.

Numerosos são os cubículos e numerosas são as situações idênticas.

Mas, naquele cubículozinho a monotonia e o aborrecimento parecem ser duplicados. Talvez fosse culpa daquele energúmeno lá na frente que só sabia dizer coisas vagas e desinteressantes, amedrontando a todos com aqueles gestos malucos.

— Ei, que horas são, quantos minutos faltam? — essa pergunta é geral. A resposta é sempre a mesma, com as mesmas características. — Faltam dez... ainda.

Ah! faltam dez ainda... Que coisa horrível! Ainda faltam dez minutos malditos para terminar aquela tortura. Com certeza os pais daquelas pobres criaturas não sofrem tanto. Eles muitas vezes, fazem o que querem, e quando querem. Mas, aqueles sofredores... ai! aqueles fazem o que não querem (tem umas exceções, claro) e quando não querem.

Quantos ali não têm coisa mais importante para fazer do que bancar o autômato num lugar de coisas mecânicas? Todos eles, ou quase todos.

Como é possível que tamanha desumanidade seja imposta a pessoas assim tão débeis e fracas? Sentir na carne os agulhões do automatismo e do dinheirismo, ver aqueles monstros deformados, a dizerem coisas complicadas e sem nexo, isto é absurdo, incrível!

Não! Isto precisa mudar. Essa coisa aqui é uma máquina de fazer neuróticos...

Quem serão esses coitados amanhã? Apenas seres tontos e sem visão. Homens que não sabem o que fazem, por lhes ter sido extinta a chama de idealismo e empobrecida a capacidade de desenvolver suas aptidões.

Ai! Faltam ainda cinco minutos.

— Atenção, atenção! Prestai atenção ao que ele vos diz... não rir um bofedo.

— Anotai, anotai! Olhai com atenção. Ele vem ver o que vós fizestes.

— Fazei, fazei com cuidado.

Chi! Que droga. Quem vai anotar, quem vai prestar atenção? Ninguém! Só se presta atenção ao relógio...

— Quanto falta?

Ai! Que praga. Três minutos ainda. Três longos minutos de enchimento.

— Quanto falta?

— Falta um.

— Um? — alegria geral, movimento de todos.

Atenção! Vai bater, vai bater... BATEU!

— ÓBA! TERMINOU A AULA!...

Handwritten notes and signatures in blue ink are scattered across the page. Notable signatures include 'Rosé Melo', 'Luiz Alberto Silveira', 'Paulo Sousa', 'Haroldo Calado', 'Sérgio L. C. Bonson', and 'Carlos Alberto Maciel'. There are also various scribbles and lines connecting different parts of the text.

Editorial

Estudantes que nos lêem:
 Este segundo número chega com a mesma finalidade do primeiro: formar e informar a classe estudantil.
 A seleção de matéria depende daquilo que vocês nos enviam.
 Será que faleceram os encarregados da coleta de material em cada sala, para que vocês não encontrem a quem entregar seus artigos?
 Agradecemos àquelas pessoas que colaboraram direta ou indiretamente com o jornal.
 Para nomear citamos: PROFA. Dilza Dutra, PROF. Celestino Sachet (que nos permite livre trânsito para propagar "O DIALOGO"), Maximiliano Moura, que provou ser interessado em colaborar na luta, que nós estudantes ora empreendemos. A ex-colega Maria Lucília, isto porque deixou de estudar.

— * * * —

Um agradecimento todo especial à Reitoria da Universidade Estadual na pessoa do Sr. Elpidio Barbosa.
 Bom, chega de agradecimentos. Assim nos portamos só para incentivar, porque a verdadeira colaboração aos estudantes deve ser desinteressada para que seja autêntica. É necessário que todos despertem.

— * * * —

O inquérito que alguns estudantes coordenaram, não foi possível apresentá-lo nesta oportunidade. Tem muita coisa.
 O questionário que apresentará o pensamento dos estudantes do I.E.E., acerca de "ensino e escola" aparecerá no número 3.
 Para que pudéssemos dar maiores oportunidades a todos, aumentamos nesta edição o número de páginas. Mais páginas, maiores oportunidades.
 Escrevam, sem restrições, para "O DIALOGO".
 Dentro do jornal vocês irão encontrar um cupom impresso, que deverá ser preenchido e enviado à Redação.
 Isto lhes colocará em um sorteio de livros que faremos. Esperamos sua participação.
 Agora resta ler o jornal.

A REDAÇÃO

Ternura de movimento e regresso ao estanco

Sentado na amurada do cais; Marge que partiu para longe; navios gigantescos, grandes blocos de ferro — a música é imensa...
 De madrugada passa o distribuidor de jornais.
 A carroça do padeiro, a iluminação (cidade de província).
 Casas antigas — contraste do marrom com o branco, tôdas as portas são vermelhas.
 Canteiros com flôres — colonização alemã.
 Castelo antigo, habitado por um velho que pratica alquímia.
 Numa sacada alguém ouve Bach e mexe as pedras de um jôgo de xadrez.
 Correndo atrás do trem; despedida.

Marge que partiu para longe; os passeios num bosque bem verde.
 A bôca quente e úmida, diálogos unânimes.
 Quando o dia amanhece, segue o pescador em direção ao sol.
 Gaivota que pousou na praia, frio de inverno.
 Agasalhado, passeio pela areia clara — as embarcações pesqueiras; muitas são as inscrições.
 A produção —
 Elas que após trabalhadas são jogadas no lixo.
 Poemas inacabados.

Semy Braga

CINEMA—Futuras estréias

- "JUVENTUDE DESENFREADA" com Pamela Tiffin
- "EM BUSCA DO PRAZER" com Ann-Margret
- "MUITO ALÉM DA GLÓRIA" Com Irina Demich
- "A PRIMEIRA VITÓRIA" com John Wayne
- "PARAIBA" com Jece Valadão
- "AMOR A ITALIANA" com Rock Hudson
- "BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES" de Walt Disney
- e —
- "A NOVIÇA REBELDE" Julie Andrews — Christopher Plummer
 A vida da Família Trapp, com música e em cores.

CURIOSIDADES

Segundo estatísticas norte-americanas o Brasil é o país em que a sífilis causa a maior percentagem de mortalidade observada em todo o mundo. Chegou-se à conclusão de que entre 100 crianças que nascem mortas, pelo menos 60 morrem em consequência da sífilis. Depois do Brasil, Chile, México e Venezuela são os países mais atacados por esse micróbio, cujo nome científico é "troponema pallidum".
 Ademar Duarte - 1º Ci.-H

Um óptico norte-americano fabrica "óculos que fazem dormir". Os insones põem esses óculos de vidros opacos e, em dez minutos o sono está garantido, mesmo nos casos mais rebeldes, segundo afirmam as pessoas que experimentaram o invento. As hastes dos óculos possuem uma apare-

lhagem eletrônica em miniatura, que transmite ao cérebro ondas calmantes.
 José Nazareno Rosa - 1º Ci.-C.

Uma mósca não pode voar mais de 5 minutos sem pousar. Se voasse 6 minutos sem parar, cairia irremediavelmente.
 Tomaz Torquemada, o Inquisidor-Mor da Santa Inquisição Espanhola, durante os 15 anos em que ocupou esse cargo, conseguiu matar apenas dez milhares de pessoas (queimadas). Sete milhares de outras foram queimadas simbolicamente em efígie e seus bens foram confiscados, e noventa e sete mil foram obrigadas a confessar seus erros perante a Santa Igreja. Isso nos dá uma média de seis mil condenações por anos ou seja, vinte por dia, se considerarmos todos os domingos e dias santificados.

Sucessos

- Paulo Roberto Martins
- IIº Ci.-A
- ESQUEÇA — Roberto Carlos — Versão Renato Corte Real — Selo CBS.
- CALIFORNIA — Dreamin — The Mama's And The Papa's — Selo RCA.
- DOIS NA BOSSA — Elis Regina e Jair Rodrigues — Selo Philips.
- APELO — Quarteto em Cy — Selo Philips
- POBRE MENINA — Leno e Lillian — Versão de Gileno — Selo CBS.
- NÃO TEM JEITO — The Brazilian Beatles — Versão de Rosini Pinto — Selo Polydor.
- VIVO SÓ — Renato e Seus Blue Caps — Versão de Paulo de Barros — Selo CBS.
- MINHA SERENATA — Wanderlei Cardoso — Selo Copacabana.
- GIRL THE BEATLES — Lennon — McCartney — Selo Odeon
- GAROTA BARRA LIMPA — Roberto Carlos — Selo CBS.

Cultura cinematográfica

Pedro José de Castro

3º Ct. "E"

De muitas formas define-se Arte. Vulgarmente é costume chamar Arte a produção de uma bela obra.

Uma obra de arte é algo belo, digno de ser contemplado constituindo um deleite para o espectador atento.

A criação de uma obra artística é propriedade da inteligência humana. A Arte nasceu com o progresso do homem, na sua ânsia de progredir, de atingir a perfeição, através dos tempos.

As Artes diferem entre si, mas apresentam a mesma faculdade de apresentar seres e objetos, com efeitos que sempre encantam. As teorias atuais consideram a arte única. Há simplesmente a preferência, por parte do artista, de um meio de expressão, e portanto, de uma linguagem.

Assim, com as diferentes formas de arte, há homens que escolhem o cinema como meio de expressão mais poderoso, como a maneira de transmitir, na sua obra, a sua opinião ou visão das coisas ao espectador. E a linguagem do cinema é a mais sedutora e deslumbrante de todas as Artes por sua facilidade de apreensão e pelo seu fascínio.

Poderíamos defini-lo como a Arte que visa a criar beleza por meio de imagens luminosas em movimento. Possui o cinema um forte elemento plástico (das artes plásticas) na fotografia, em que entram belezas arquitetônicas, pictóricas e esculturais. Embora o cinema busque os seus elementos em muitas outras artes, ele é uma Arte autônoma.

Sabe-se que para o pintor são materiais necessários as tintas coloridas, seus pincéis, a tela; para o escultor, a pedra o metal, seu cinzel e martelo. E assim por diante. Para o diretor cinematográfico é necessário o tema do filme, os meios técnicos da câmara e da luz, os atores, o decor (objetos inanimados), numa palavra, todos os elementos materiais para a execução da película até a tela, passando pela produção, direção e interpretação.

Ao imaginar um filme o dire-

tor escolhe um determinado tema. Encontrado o tema, isto é, um conjunto bem ordenado de idéias, surge o problema da forma para exprimir tudo isso.

Se não houver uma forma cinematográfica adequada, o filme não pode constituir uma obra de arte. A confecção desta forma é conseguida através da fotografia, isto é, as imagens dos homens e das coisas tomadas de tal maneira que resulta naquele valor emocional que empolga o espectador. Não são os meios técnicos utili-

zados para a obtenção da fotografia que fazem isso, mas a maneira como são usados.

Evidentemente que nem todo filme pode ser considerado uma obra artística. Não é pelo fato de usar do cinema que se faz cinema. É preciso, pois, distinguir o essencial do supérfluo, o bom do mau filme.

O filme comum não penetra, não informa senão superficialmente, podendo proporcionar momentos de distração, não conseguindo às vezes tal objetivo.

Por seu turno, no filme-arte, a característica dominante é a criação da beleza estética. Seu objetivo é indagar da natureza humana, é transmitir uma mensagem na sua forma correta e precisa. Portanto, há o estudo do homem, permitindo grande proximidade das pessoas e das coisas, colocando-nos diante dos problemas humanos.

Sabamos, pois, compreender-se cinema que redescobre o mundo, que reinventa as coisas, que aprisiona o Sol.

BOSSA NOVA

Nossa autêntica bossa nova, nasceu por volta de 1956, quando Antônio Carlos Jobim compôs os sambas da peça de Vinicius de Moraes "Orfeu de Conceição", donde foi extraído o filme "Orfeu Negro".

Foi um movimento renovador de bossa nova que hoje tem projeção internacional. Começaram a aparecer os autênticos compositores de bossa nova.

O primeiro LP com idéias Bossa Nova foi gravado por Elizete Cardoso, acompanhada por João Gilberto; intitulava-se "Canção do amor de mais". O próprio título já dava uma idéia do que era a Bossa Nova.

No Rio e São Paulo, estudantes Universitários, sob a orientação de Ronaldo Bôscoli, começaram a organizar shows de Bossa Nova, cuja aceitação foi sensacional. Mas ainda não tínhamos um público certo.

Em 1959, sai o primeiro LP de João Gilberto: "Chega de saudade". Primeiro LP inteiramente dentro do espírito de Bossa Nova. Dai por diante, os novos LPs de Bossa Nova, lançando os sambas de Oscar Castro Neves, Carlos Lyra e Menescal e outros.

Em 1961, Vinicius e Baden Powell, buscando a temática dos ritos negros do candomblé da Bahia, introduziram "pimenta" que faltava no nosso moderno samba: a contribuição africana. E por este mesmo ano, Carlos Lyra e Vinicius, fazem a primeira comédia musicada, genuinamente brasileira: "Pobre menina rica" que fez um sucesso "bárbaro". Estava criada a autêntica Música Popular Brasileira.

Os disc-jockeys americanos, começaram a nos promover. Astrud Gilberto, acompanhada por João Gilberto, grava lá nos Estados Unidos, "Girl from Ipanema", sendo um sucesso total. Não foi para menos que foram agraciados

em 1964 com o "Grams", a maior láurea concedida à música, nos Estados Unidos.

A Philips, no ano passado, foi a gravadora que mais nos ajudou. Lançou uma turma barra-limpa: Elis Regina, Jair Rodrigues, Zimbo Trio, Edu Lôbo e outros. Lançou "Dois na Bossa", um disco todo novo, gravado ao vivo com pout-pourri, rememorando sucessos do passado.

O que é a Bossa Nova no final das contas?

Bem, para definir o que seja a Bossa Nova (para quem não sabe ou não sentiu), aproveitar a frase de Vinicius de Moraes: "Bossa Nova é mais um olhar que um beijo; mais uma ternura que uma paixão; mais um recado que uma mensagem".

por: Max Moura

Livraria e Papelaria Recorde

MATERIAL DE ESCRITÓRIO E ESCOLAR

ARTIGOS PARA PRESENTE — BRINQUEDOS — REVISTAS
FIGURINOS
IMPRESSOS EM GERAL — ENCADERNAÇÃO — PAUTAÇÃO
DEPOSITÁRIOS PARA SANTA CATARINA DA
LIVRARIA AGIR EDITORA

Distribuidores para Florianópolis das Fitas SCOTH - 3m.
Do Papel "TERMO - FAX" e
Revendedores das Máquinas REMINGTON

MATRIZ: Rua Felipe Schmidt, 14 — Fone 2240 — Fpolis.

Teatro

"O Inspetor Geral" (de Nicolas Gogol) é peça que está fazendo sucesso enorme no Teatro de Arena de S. Paulo, teatro que provou mais uma vez que ocupa lugar destacado no movimento teatral brasileiro, de um teatro autenticamente popular.

A peça denuncia, numa crítica mordaz, a corrupção e negligência das autoridades no trato dos negócios públicos e aponta os funcionários do czar como figuras altamente corruptíveis. A peça é situada na Rússia do século passado e conta a história de um

falso alarma da chegada de um Inspetor do czar o que faz com que o confundam com vigaristas, cumulando-o com regalias e subornos.

A direção da peça, entregue a Augusto Boal tem uma grande virtude, segundo o crítico Nivaldo Marques: não transforma a peça numa simples farsa para fazer rir. Alternam-se cenas dramáticas com cenas extremamente cômicas. Enfim, é uma coisa que nos consegue tocar de perto, dada a maestria do diretor Augusto Boal, nome consagrado nos meios artísticos paulistanos.

REDAÇÃO

A juventude e a vida do jovem

Uma coisa quase que posso afirmar: é que comparando a vida com as estações do ano, a juventude, a adolescência é a bela estação da primavera.

A primavera é, sem dúvida alguma, a mais bela estação do ano.

A primavera da nossa vida é a juventude.

Em nossas ilusões adolescentes, plenas esperança e fé no futuro incerto, que a cada passo construímos, acima de nosso egoísmo e de nosso orgulho, chega sempre a hora final. Pode tardar, mas também pode ser iminente. Mas sempre chega...

As vezes vem lenta, preparando o espírito e as emoções. Em outras, qual furacão que arrasa tudo, irrompe de repente destruindo por completo todos os nossos sonhos e ilusões.

As vezes, o sabor de maturidade tem misturado o gosto de flores de outono, de firmeza, de consistência. Em outras, traz o gosto amargo dos perfumes sepulcrais, o encanto repelente da morte, do desaparecimento de uma juventude que não pediu licença de se eclipsar assim bruscamente.

Traz o irromper de uma velhice precoce.

É a primavera de nossa vida que finda, é o fim da nossa juventude, é a velhice que chega, é a vida que aparece plena de exigências e sem oferecer quase nada, a não ser as surpresas que carrega. Quase nada, a não ser a resignação das dores que espararam nos cálices dos corações que se abrem para a vida, para a alegria.

As vezes, essa primavera termina tão bruscamente que sentimos vontade de sumir tragados pelos nossos próprios desalentos.

Agora, está em nossas mãos

prolongarmos ou encurtarmos a nossa juventude. Porque, muitas vezes encontramos anciões que são verdadeiros jovens e vice-versa, jovens de dezoito a dezenove anos que são velhos.

Quantas vezes se escuta ou nós mesmos dizemos: "Vamos gozar a vida enquanto somos jovens, porque depois de ficarmos velhos, não dá mais para gozar".

E não imaginamos, não pensamos que com isso estamos apenas encurtando o prazo já curto de nossa juventude.

E então surge o outono. A encruzilhada da vida que surge

cantando baixinho, mas que o coração escuta alto.

E o coração escuta alto as larmúrias tóxicas de nossa juventude que passou, e que não soube aproveitar. Não por não termos aproveitado, mas por termos querido aproveitar demais, sacrificando assim, esta juventude tão valiosa.

Quantas dores, alegrias, esperanças e desalentos se esboçam numa primavera que finda e num outono que se inicia!...

É a vida! A vida que chora e que geme. A vida que não é nem uma dor, nem uma alegria, mas

um encargo de que estamos incumbidos e que é preciso terminar com honra, com dignidade, sem covardia. Porque viver é lutar.

É triste termos que enterrar nossos sonhos sem vê-los sequer realizados. Bem dizia o poeta numa estrofe curta, mas que muita, muita coisa revela.

Coveiro, choremos juntos
Nossos destinos tristonhos.
Pior que enterrar defuntos
É ser coveiro de sonhos.

Pedro Tadeu F. de Macedo

Nosso futebol

Por Jaceguai Trilha

Amigos desportistas.

Ao falarmos na "cachaça n. 1" dos brasileiros falamos com entusiasmo, pois é muito comum estarmos em qualquer local e discutir e conversar sobre futebol.

No entanto, o catarinense ilhéu já não pode mais conversar nem discutir o assunto.

Nosso futebol caminha para o fim, conforme é notado pelos leitores que acompanham os prêmios que se desenrolam na capital.

Até agora não sabemos o porquê dos dois maiores esquadros, Avaí e Figueirense, estarem nesta decadência. Muitos perguntarão para si: E os outros quadros? Falo desses dois, porque foram eles que já deram muitas glórias ao futebol catarinense e ilhéu. Poderíamos atribuir a sua decadência, a situação financeira que não é nada boa para ambos. Mas essa hipótese não venceria os nossos leitores, devido a contratações de jogadores que são feitas por clubes de fora

para a nossa capital. Essas contratações são inconcebíveis.

Quando Avaí e Figueirense possuem valores de nome, tratam logo de negociá-los para outras agremiações interessadas, como é o caso do arqueiro Jocely e Adailton, a revelação do ano, ambos pertencentes ao Figueirense, e agora radicados na capital do Carvão.

Estamos mesmo assistindo a decadência do nosso futebol e a própria colocação dos representantes no certame estadual prova o que eu digo.

Quanto ao futebol do Sul do Estado, está relativamente bom, por serem clubes de tradição e seus diretores trabalharem com afinco para manter sempre em dia seus plantéis. Vejam o exemplo do Metropol que já excursionou diversas ocasiões pelo exte-

rior. Mas isso é muito compreensível. Seus dirigentes são homens de grandes recursos, daí então a facilidade de formar uma grande equipe.

Para o Norte, estamos também satisfeitos devido as boas equipes que as cidades possuem.

Grande perda para nós, foi a extinção do Tupi, da Manchester Catarinense, cujos motivos desconhecemos. Dizem alguns que foi falta de empenho de seus atletas. Todos vocês tiveram oportunidade de vê-lo atuando, e puderam julgá-lo como um dos melhores quadros do Estado.

Voltando ao futebol ilhéu, esperamos que os diretores de clubes e todos que para eles trabalham, empenhem-se com mais afinco como fazem os diretores das agremiações vizinhas, que tantas glórias dão aos seus torcedores e, em particular às suas cidades.

Em Florianópolis

Mário Hotel

Rua Conselheiro Mafra, 26

Notas científicas

Se as moléculas de uma gota de água fossem transformadas em grãos de areia, poder-se-ia construir uma rodovia de concreto de 750 metros de largura e 30 centímetros de espessura, de Paris à Teerã.

Os metais não se unem quando entram em contato aqui na terra, devido a uma película de óxi-

(Continua na 6ª Página)

Uma máquina de calcular que

Edart S/C Livraria Editôra Ltda.

RUA ALVARO DE CARVALHO, 49

CX. POSTAL, 451 — Florianópolis

Distribuidores exclusivos das publicações da Editôra
Universidade de Brasília, da Universidade de São Paulo,
do Instituto Brasil de Educação Ciência e Cultura (IBEGC)
CONHEÇA A BIBLIOTECA BÁSICA BRASILEIRA
(Coleção Fundamental para o conhecimento do Brasil)

«A vida de um banco de jardim»

(descrita por ele mesmo)

Não sou humano, pois fui feito daquele frio e duro material, o marmorite.

Logo não estou submetido às sujeiras, às fraquezas e idiotices humanas. A noite toda ao relento e nos meus cinquenta anos de idade, ainda não conheço gripe e resfriado. O dia inteiro recebo o sol ardente e muitas vezes frio e chuva, e não me queixo de reumatismo nem de artrite. Portanto, nada tenho em comum, fisicamente, com os seres humanos; mas suas manias, frustrações e suas mágoas também chegam a atingir-me, devido, certamente, a minha convivência com eles.

Quero primeiramente esclarecer, que não escrevo estas memórias para serem lidas por meus netinhos, não! Pois como sabem, bancos de jardim não possuem descendência, somente parentes longínquos e conhecidos.

Logo, escrevo isto na esperança de que os homens casualmente a leiam e, mais tarde, meditando nisto, poupem-me dissabores, quando futuramente fizerem uso de mim. Quero também que saibam que seus problemas são também os meus, suas alegrias e dissabores, suas tristezas e angústias, enfim tudo compartilho com eles.

Bolas! Deixemos de rodeios, e comecemos a minha interessante, triste, deprimente e, sobretudo, gozada Odisséia.

Não vou narrá-la toda; só alguns fatos que ficaram indelévels na minha memória!

Por exemplo:

Interessante: — interessante achei naquela noite cálida e enluarada de verão, quando sentados em mim, (sentados em mim, não! Esta frase deprime, usemos: fazendo uso de mim), um Romeu audacioso tentava carícias avançadas em sua Julieta, quando assombrado escutei o troar de uma bofetada na face do aventureiro. Porém, logo, quando a indiscreta lua escondeu-se atrás das nuvens, a Julieta consolou o Romeu deste modo: — “Querido, não que eu não gostasse mas, todo mundo estava nos vendo”. — Pausa e, acariciando o emburrado Romeu, incitou-o a repetir o ato.

— “Estás zangado, né benzinho?”

Ele, abobalhado, disse que não. Interessante, não acham?

Triste: triste me senti no dia

em que Pedrinho, o mendigo, que toda a madrugada ocupava-me como leito de dormir, não acordou na hora usual, e então percebi que ao contrário de sempre, eu não sentia o calor de seu corpo; ele estava frio como o mármore, como o marmorite, como eu! E na falta de lágrimas, usei as gôtas que o orvalho noturno depositara sobre mim, e deixei-as rolar, chorando a morte do meu único inquilino permanente. Adeus Pedrinho...

Deprimente: deprimente era o estado daquele beberrão que veio cozinhar a sua bebedeira no meu regaço. E sobre mim vomitou toda a imundície de seu espírito embotado pela embriaguez, e,

junto com ela, as de seu estômago. Sujou-me a aparência e o interior. Fiquei revoltado, mas nada podia fazer, senão esperar...

A espera durou três dias até que choveu, e minha aparência voltava a ser a de antes, eu já conhecera mais umas das fraquezas humanas!...

Gratas: gratas eram as recordações do velho Manoel, que nas tardes ensolaradas ficava comigo, olhando os jovens que passavam, lembrando sua juventude que já passou.

Gozado: gozado achei, no dia em que duas crianças ao voltarem da escola, pararam para comigo descansarem. E, enquanto projetavam para o futuro, faziam

incluir um resultante casamento proveniente daquele namôro. E através de sua candura, de sua ingenuidade, de sua perfeição eu vi a magnitude de seu criador. Na criação, na origem...

Enquanto eu saí das mãos de um imperfeito operário, que horas levou a fazer-me, e mesmo assim com falhas e defeitos, o Criador Supremo num ato instantâneo de bondade, criou esta obra prima, repleta de esplendor, de tudo que é bom e belo neste mundo: “A criança”!

Agora chega de recordações!

Vamos ao que interessa. Finalizo, pedindo encarecidamente, a vocês, homens, que quando depositarem seus tantos quilos de carne e osso sobre mim, não levem consigo as suas mágoas, seus queixumes, seus sonhos e frustrações! Seu peso não me custa suster, porém, o que me enche a paciência é ter que aturar o seu espírito, coisa da qual sou destituído!

Lembre-se de que sou um banco de jardim, não um confessorário...

João Carlos Berka

1º Ci.-D

Livraria Cruz e Souza

LIVROS PARA TUDO E PARA TODOS

RUA ARCIPRESTE PAIVA, 17-A

Literatura em geral — Livros didáticos para todos os cursos — Jornais e revistas literárias — Revistas francesas: Paris Match, Elle, L'Express, Marie Claire, Constellation, Lui, Realités, etc..

Atualidade mundial

A guerra que hoje se desenrola no Vietnam, embora nos pareça longínqua e sem consequências diretas, representa muito, porque ela significa mais uma lacuna na paz tão difícil de ser mantida em que ora vivemos.

Provocadora de debates acirradíssimos, este conflito tem consumido homens, bens e riquezas naturais em quantidades assustadoras.

Tudo se iniciou com o fim da IIª Guerra Mundial. Durante a mesma, a única facção vietnamita que havia lutado contra o invasor japonês, era a comandada pelo líder comunista Ho-Chi-Minh. A França, depois de libertada pelos aliados, resolveu aposentar-se novamente de seus antigos domínios na Indochina, e recolocar no trono o Imperador Bao Dai, famoso por suas trapaças. Mas o povo vietnamita já possuía um líder e não estava disposto a voltar para colônia. Isso desencadeou uma guerra que du-

rou vários anos de sangue e terror, até que os países direta ou indiretamente interessados, resolveram sentar-se a uma mesa de conferências.

E no dia 21-7-54, os representantes do Laos, Camboja, Vietnam, China Popular, URSS, França e Inglaterra, estabeleceram a declaração de Genebra. Este Documento assinalava que o Vietnam seria dividido em dois, embora esta fronteira não fosse política, e que posteriormente, seriam realizadas eleições gerais, para decidir a reunificação do país.

Feito isto, os franceses retiraram-se e os Estados Unidos, obedecendo à sua vocação de “POLICIAS” do mundo, invadiram o Vietnam, para defender a civilização ocidental-cristã, num país do sudeste da Ásia e de população budista.

Mas não é mantendo “DESGOVERNOS” que os U.S.A. se reabilitarão perante o povo vietnamita. É fazendo aquilo que pregam o Senador Robert Kennedy, o General de Gaulle, o Senador Fullbright e tantos outros: retirar suas tropas do Vietnam, retirar o apoio dado ao Generalzinho de Opereta que é o premier do Vietnam do Sul, e aplicar o acordo de Genebra. Sentar-se numa mesa de conferências com o Vietnam do Norte e a China,

eleições gerais em todo o país e reunificação sob um Estatuto de neutralização. Exatamente como foi feito com a Austria em 1945.

Fala-se muito em que o Vietnam do Norte maném os guerrilheiros Viet-Cong. Mas acontece que os Norte-Vietnamitas são patrióticos dos Sul-Vietnamitas e consequentemente, é um dever que têm para com seus irmãos de protegê-los de invasões estrangeiras. Como se sabe, o Viet Cong é o único órgão representativo do povo Sul Vietnamita.

— Mas a China ajuda muito os comunistas do Vietnam! É claro que ajuda! Como poderia realmente, o Vietnam, sozinho, conter a avalanche armamentista Norte Americana? Como poderiam defender-se dos enormes bombardeiros B-52, enfim, do mais bem equipado exército do mundo? E vejam bem: até hoje, nunca, nunca mesmo, foi encontrado um só chinês, um só russo, fazendo guerrilhas no Vietnã. São só vietnamitas, puro sangue, lutando pelo povo de seu país. A verdade é que já está na hora de acabar com o martírio em que vivem os 35 milhões de vietnamitas, à mais de 25 anos, e que se faça a paz; uma paz que será honrosa, não só para os Norte-Americanos e vietnamitas. Mas para a humanidade.

Rômulo Coutinho de Azevedo

Instaladora «Cascaes»

EXCLUSIVIDADE EM MATERIAL ELETRICO

RUA TRAJANO N. 11 — Fpolis. — S.C.

O FIM DO MUNDO

De que nos adianta pensar, trabalhar e dizer-nos civilizados quando numa floresta não muito distante um animal vive feliz na sua ignorância e agressividade?

Ele não cansava de se fazer essa pergunta. Era um adolescente estranho, diferente. Maluco para uns, estúpido para outros. A todos ele respondia: "Não sou maluco, sou homem". E eles riam e debochavam, mas, não pensavam.

E ele cresceu. E aprimorou as suas idéias. E expôs as suas idéias.

Como bom cronista não teve dificuldades em difundir uma série de panfletos esclarecedores, enchendo o mais que possível as páginas dos jornais com as suas idéias ou a sua doutrina.

E a insistência levou a todos o pensamento. E a sua filosofia

cresceu, tomou corpo e dominou o mundo. E o maluco tornou-se sábio.

E formou-se um exército de desregrados e loucos infelizes. Os que se diziam mais corajosos suicidavam-se. Os mais covardes, estes, entregavam-se a bebedeiras sem fim e a todo o tipo de auto-destruição. Foi o fim do mundo. Foi uma comédia. As igrejas permaneciam cheias de imbecis que eram dirigidos por padres embriagados pelo álcool e pela verdade. E tornou-se trivial a morte. E todos queriam morrer. E o mundo tornou-se o mais bárbaro e estranho palco. Onde os homens, na sua loucura, riam da morte e das leis, de Deus e do Diabo, da vida e da natureza que a criou, e todos se tornaram sádicos e irracionais. E, apesar de

curta, foi a época, talvez única em tantos séculos, em que cada homem era ele mesmo e vivia no seu egoísmo dentro de suas próprias convicções e idéias.

Tornou-se tudo o mais taciturno e inexplicável deserto.

Do zoológico os animais saíam às dezenas e corriam a procura da liberdade que já começavam a sentir.

E para os animais nasceu um

mundo novo. Viviam felizes na sua ignorância e simplicidade. Tudo era felicidade e irracionalidade.

Até que um dia, ai Deus! Distraído pelo marciano... Imaginem, oh não! Imaginem que aquela bactéria metamorfoseou-se e... Ai! Outro homem? Nãoooo.

Carlos Alberto A. Maciel

Livraria e Bazar CONTINENTAL

RUA PEDRO DEMORO, 1322 — ESTREITO

MATERIAL ESCOLAR — LIVROS DIDATICOS

"Mais de 30 anos no comércio do Estreito"

Cristal Lanche

de
D. S. LINO

BAR E RESTAURANTE — COZINHA PERMANENTE
SUCOS — SANDWICHES — APERITIVOS — REFRIGERANTES — ESPECIALMENTE PEIXES E CAMARÕES
Rua Jerônimo Coelho, 18 — Telefone, 3854
Florianópolis — Santa Catarina

Notas científicas

(Continuação) do, ou uma fina camada de gás que os impede em realidade de se ligarem. Porém, quando os metais se tocam no vácuo extremo, com os gases superficiais evaporados, e a película de óxido retirada, eles se unem como se estivessem fundidos. Este fenômeno talvez explique o insucesso de alguns satélites no espaço sideral — o comportamento irregular das partes móveis, como os relés elétricos.

Mauro Costa

3º Cient. E-2

mais de mil ingleses oferecem, cada mês, seus olhos para enxerto de córnea, após sua morte. Ao anunciar a notícia, o Conselho Central de Serviço de Saúde do Reino Unido, revelou que, dia a dia, aumenta o número dos Bancos Humanitários da Inglaterra, sendo o mais antigo deles o "Queen Victoria Hospital", de Londres. Técnicas estão sendo aperfeiçoadas para a estocagem dessas doações que são fornecidas, não só aos hospitais ingleses, como aos de outros países.

José Nazareno Rosa

1º Cient. G.(Not.)

As estatísticas revelaram que,

Recordações de minha infância

Pernas finas correndo morro abaixo com uma pandorga atrás de si. Minutos depois ela pairava no ar, qual um pássaro domado. A excitação manchava minhas faces de um rubor intenso. O que mais gostava quando brincava com minha pandorga era trazê-la até mim e soltar todo o cordão a seguir. Dava-se a impressão que ia cair. Não gostava de bonecas. Era um brinquedo monótono e desinteressante. A primeira e única vez que brinquei de "cozinhar" no porão da nossa casa, quase provoquei um incêndio. Não esqueço do dia em que invadi a casa paroquial, perto de minha casa, quando comecei a andar de bicicleta.

Em casa era chamada Judas, por sempre andar com um saquinho de bolinhas de vidro pendurado na cintura. Meus maiores amiguinhos e praticamente os únicos, era os cinco filhos da vizinha e meu irmão. Junto formá-

vamos um pequeno exército ou uma tribo de peles vermelhas, ao brincarmos de "cow-boy". Foi muito triste a época em que morei com minha avó. A única companhia que possuía era o mar. Passava todo o dia construindo castelos de areia. Sentia imensa saudade de casa. Mudei muito naquela época. De expansiva e alegre, me tornei triste e encerrada dentro de mim mesma. Só me recuperei quando comecei a frequentar a escola. Voltei a ser a mesma, ou melhor, pior um pouquinho. Não guardo muitas recordações do período primário. Mas uma coisa é certa, minhas professoras não se esqueceram de mim e quando me encontram casualmente, a saudação é esta: "Como vai a aluna que me deixou de cabelos brancos?"

Zeneide Souza

Med.-3

«IT CABELELEIRO»
O mais frequentado da cidade
Rua Tiradentes

Lançamentos da «Civilização Brasileira»

"SE CORRER O BICHO PEÇA, SE FICAR O BICHO COME", de Oduvaldo Vianna Filho e Ferreira Gullar — Edição fartamente ilustrada da peça que vem alcançando pleno êxito no teatro do Grupo Opinião, do Rio. Texto que, fecundado pela tradição da farsa medieval, que teve em Gil Vicente ilustre antepassado, faz rir e pensar ao focalizar, problemas e situações de nossa condição social.

"OPINIÃO PESSOAL", de Paulo Francis — Livro que reúne artigos sobre política e cultura, temas que o combativo jornalista, através da imprensa, sempre abordou com total independência e inusitado — e muitas vezes contundente — ângulo crítico. Reunindo estudos sobre os tem-

pos de Jango, a atualidade brasileira, a nova esquerda nos Estados Unidos, entre os temas políticos, e ensaios sobre Shakespeare, Gernard Shaw, Brecht, Fellini, Pirandello, Tchekov, Faulkner, Graham Greene, Marques Rebelo, Jorge Amado, Osborn, Eugene O'Neill, entre os trabalhos de natureza cultural, "Opinião Pessoal" é obra de leitura estimulante e criadora.

"UM RAMO PARA LUIZA" — de José Condé — Publicado pela BUP — Biblioteca Universal Popular, este popular romance, que vem agradando o público através de sucessivas edições, tendo sido também adaptado para o cinema, em filme de largo êxito, atinge, agora outra camada de leitores — os leitores de livros de bolso,

As palavras que eu não quis dizer

— Querias falar?
— Sim.

— Então está aí a oportunidade. Escreve. Tens contigo a caneta e o papel. Anda: desabafa, homem! Lembra-te de que, "quem cala, consente". Não podes calar. Concordas com essa situação?

— Não.
— O que fazes que não te manifestas?
— Tenho tanto a dizer, e sinto-me fraco para começar.
— É falta de autenticidade. No fim dos tempos serás julgado perante o povo.
— Não venha com essa estória.

Essa onda de fim dos tempos, há muito já michou, tá? Serei julgado pelo povo e neste tempo mesmo, pois, não acredito no fim da História.

— Fala, eles estão enfraquecidos e não se preocuparão com tuas palavras.

— Eles quem?
— Os figurões.
— Diz-lhes que não temes e que queres falar, porque falar é um direito.

— Falar ERA um direito. Mas escrevo com BRASIL:

Basta de arbitrariedades.

Resolvemos dizer não aos golpistas.

Avante estudantes!

Severamente faremos justiça.

Impossível ficarmos parados.

Libertação!

ROBERTO CASCAES

caro deus:

Antes de mais nada, desculpe o fato de, acima, não escrever o teu nome com letras maiúsculas como comumente o fazem os homens. Saiba também que não o farei durante todo este texto, e, já te digo o porquê.

Sabes? Tu, assim como os homens, foste vítima da irreflexão e da imprudência, mas, se fôsse apenas isso eu te perdoaria. Entretanto, não o faço. Tu, naquele momento impensado criaste o homem. E eu te pergunto: porque o fizeste? Pergunto-te também porque e para que estou te escrevendo agora e também porque e para que as horas passam? E a vida, porque passa? Será que as horas passam para abreviar o sofrimento dos infelizes ou será para mutilar o prazer dos felizes?

É deus, eu sinto pena de ti. Eu sei que te arrependes. Pensas que não s reconhece os teus milagres? Pensas que não se sabe serem eles apenas reflexo do teu arrependimento? Porque voltaste atrás depois da primeira tentativa de salvar São Policarpo? Os homens iam queimá-lo e tu fizeste com que o fogo perdesse a sua função. Adrependido de ter criado o fogo e tê-lo dado ao homem? Ah! Tu me pareces estranho, já não te compreendo e cada vez menos tenho confiança em ti.

Não posso mais crer em ti. No teu reino fala-se tanto em verdade e eu te digo que no reino dos homens a verdade é um bêco de malefícios e, quem nele entrar, dificilmente sairá ileso. No teu reino fala-se tanto em amor, e eu te digo que no reino dos homens eles se matam, dizem que é por amor. Não posso crer em ti, quando odeio a sociedade e, no entanto, acato-a. Quando me chamo tólo por amar e continuo amando. Quando prego a ignorância e aprimoro meus conhecimentos. Quando finjo te amar apenas para não decepcionar os velhos religiosos, etc..

E, vês bem? Os homens andam todos pelo caminho errado. Bus-

cam, na civilização, a felicidade espiritual, enquanto ela lhes dá apenas a felicidade material. Buscam a paz na guerra, e... não se pode negar que a recíproca existe e é verdadeira. E, deus, assim vivem os homens, e tu, tu nada fazes por eles. Sinto-me decepcionado contigo.

E tu finges ignorar. Ignoras que, na terra, impensadamente e com medo, os homens te chamam de senhor, onipotente, onisciente, uno, infinito, (ai! Não posso continuar, falta-me respiração). Não, tu nada ignoras... e nada fazes.

E eles te dizem o símbolo do amor e da virtude; da paz e da verdade. Adoram as tuas imagens, falam de ir para o céu, temem o teu inferno, e, infelizes imberis, esquecem-se do principal: seguir os teus mandamentos à risca. Esquecem-se de que também estás triste, decepcionado e principalmente arrependido. Esses são os teus homens; molda-os.

Mas, sabes, eu te admiro! Criador de bilhões de artistas, é isto que és. Já notaste como em cada dia e de geração em geração os teus desafortunados suditos falam, pensam e fazem coisas diferentes? Sinto-me mesmo ridículo imaginando tal coisa, afinal, comparando com tudo o que já disse, eu disse tão pouco que chego a sentir-me inferiorizado.

Mas, só agora penso: que faço eu? Escrevo-te. Queixo-me dos homens e de ti. Mas, e tu? Oh! Quão ignorante sou, não há correio para o céu, os homens temem a tua presença como o fim do mundo, e eu... escrevendo.

Mas, pensando bem. Oh, não! Quão fraca é a minha memória, esquecia-me de que és o todo-poderoso e de que estás em todos os lugares. Chi! Provavelmente a esta hora já me estás lendo, mas... que fazer?

Atenciosamente despede-se:

CAAMaciél

Quadro entrevisto por uma porta aberta

Ricardo Galletti — 3ª Class.

O lustre de cristal,
coruscante à luz mortíçã deste sol poente,
dêste escarlate sol de inverno que se faz bola de fogo,
o lustre de cristal molemente derreteu-se.
Lento, muito lento, as lágrimas, uma a uma,
pingaram no tapete azul-marinho raiado de vermelho.
Os pingentes balançavam sob um fino vento oeste
e o lustre rodava,
rodava mansamente.
Alguns cravos vermelhos, desajeitadamente metidos num vaso branco,
em cima do piano de cauda,
debruçavam-se para olhar o chão orvalhado de cristal,
no miríades fulgir de um arco-íris.
Alguém dedilhou o teclado pied-poule
e uma sonoridade redonda encheu a sala.

Enfie a cara pela porta aberta...
...alguns quadros desmaiados, cadeiras de palhinha,
um santo antônio tristemente fincado numa prateleira,
lavatório de mármore, bacia e jarro brancos,
um acolhedor canapé azul clarinho,
fitas, gourgurão, camafeus, valsas e moedas de prata...

E aquele ar do passado,
do passado de cabelos brancos e olhar bondoso,
óculos redondos e chinelas usadas,
toalhinhas de crochê e papos-de-anjo,
sorriu para mim, meigamente,
e meigamente convidou-me para entrar,
enquanto se precipitava uma gotícula suave
do lustre de cristal...

Sorteio de "O Dialogo"

NOME:

CURSO: SERIE:

SALA:

PREENCHA E ENVIE ESTE CUPOM A REDAÇÃO DO JORNAL, E PARTICIPE DO SORTEIO DE VARIOS LIVROS.

Livraria Educação

MATERIAL RELIGIOSO E DIDÁTICO EM GERAL

RUA DEODORO, 28

A FOME

Para ler de barriga cheia!?!

Rômulo Coutinho de Azevedo

3º Científico de Med.-2

Um dos grandes problemas com que, atualmente, se defronta o mundo, é a fome. A fome, que assola a humanidade como se fôra um estigma maldito legado pelo Criador à nossa estirpe.

Hoje, pelos noticiários jornalísticos, vêem-se em manchetes espetaculares que a Índia agoniza com doze milhões de seus fi-

lhos às portas da morte pela inanição; milhares de nordestinos emigram para o sul, fugindo da morte, da seca e da fome. Ah... a fome.

Quantos milhões de dólares são gastos pelo homem em guerras fratricidas! quantos bilhões em experiências espaciais.

Não, não! Não pensem que sou contra a experiência espacial. Mas... porque não dar um pouco àquele que tem fome? O que impede que os Estados Unidos

na América nos matem a fome com uma parcela ínfima do que gastam na guerra louca do Vietnã?

É certo que os U.S.A., nos ajudam, mas todos sabem que de cada dólar que nos "dão", levam 4 ou mais em remessas de lucros, etc., etc.

A nossa população aumenta. Em 1958 o Brasil possuía 65 milhões, em 1962, 75; hoje somos 85 milhões e em 1970 seremos 100 milhões. A renda per Capita não pode aumentar e estamos estagnados nos 336 dólares anuais para cada brasileiro, com tendência a baixar ainda mais. E a fome aumenta...

É claro que existem órgãos internacionais para conter a fome. Mas são órgãos como a FAO, que não tem a mínima possibilidade de extirpar ou, pelo menos, de diminuir da face da terra a maldição lançada sobre nossa raça. E é claro que não pode! Vejamos, quais são os órgãos mais importantes da ONU? O Conselho de Segurança; a Assembléia Geral. Está explicado. Os dirigentes do mundo acham a guerra, mais importante para o mundo do que a fome. Ou então pretendem diminuir a população, pois vivem inventando novas frentes de batalha.

Urge que cada país se ajude para acabar com a miséria. Urge que os grandes países, superdesenvolvidos, voltem os olhos cá para baixo, para a América Latina, para a retalhada África,

para a Ásia, ao invés de apostar corridas à lua, ao invés de guerrearem-se mutuamente. Como se a terra estivesse tão feliz que necessitasse exportar a sua felicidade. A única coisa que eles poderiam exportar, seria a sua ignominiosa tarefa de matar, a sua infame falta de fraternidade, a sua vergonhosa chaga da miséria.

A fome grassa. Milhões morrem por dia. E eles enviam foguetes à lua.

A fome é como um mal hereditário. Passa de pai para filho. Está claro que um pai miserável jamais poderá ter condições para dar a educação necessária a que seus filhos saiam da miséria.

No Brasil, e olhem que o Brasil não é o pior caso, apenas um por cento dos que entram no curso primário chegam a se formar em cursos superiores. É um verdadeiro funil, no qual, muitos não chegam a entrar. E a fome continua. Hoje, no mundo inteiro, um bilhão e meio passa fome. Daqui a trinta anos serão três bilhões; a população aumenta em progressão geométrica, a produção de alimentos em progressão aritmética.

E a culpa cabe aos próprios homens. A nós. Dentro de poucos anos não haverá remédio para a fome. Hoje ainda há. Mas os homens preferem olhar o azul infinito, quando aqui em baixo, arrasta-se a chaga horrível da fome.

O pão

Vou lhes contar, meus senhores uma estória que a mim vieram contar. Aconteceu uma vez, a cidade eu não sei onde fica, se no oriente ou ocidente, muito menos os personagens, que poderão ser pessoas, conhecidas ou não.

O pobre olhava pr'o pão o rico pr'o pão olhava. O pobre por trás da vitrine, o rico por dentro olhava. Era um mesmo olhar o do pobre e do rico, mas não era um mesmo pensar o do pobre e do rico. O pobre à imaginar um jantar, o rico abarrotado de tanto pão já comido. O pobre ensimesmado da sua triste sina, o rico enfastiado de tôdas as coisas da vida. Eram ambos muitíssimo, um pobre e outro rico. O rico, barrigudo e contente, olhava pr'o pão e não via o pobre o pobre, esfomeado e triste, olhava pr'o pão e não via o rico. Um do lado de dentro, e outro do lado de fora. A rua era movimentada, cheia de gente indo e vindo, crianças, soldados, operários, estudantes e mulheres fazendo a vida. E todos que por ali passavam um olhar pr'o pão dirigiam, pois era um pão suculento e a todos apetecia. Porém, só o pobre muito pobre ali estava detido a imaginar só porque, ao pão, o rico tinha direito.

E o rico muito rico, nauseado de tudo e de todos, a observar indiferente com seu charuto Suerdieck, sapatos italiano, chapéu côco plantado em sua cabeçorra vazia. E o pobre mutio pobre, a matuscar pensativo da injustiça dos homens, de dar aos ricos o pão, e de dar a ele, coitado o pão através de um vidro.

Amazilic Mello Hollanda

3º Clássico A

Realidades

Agitações revolucionárias, em crises sociais de maneiras várias, rações que vivem angustiadas, economicamente atrapalhadas.

Coletivismo de ideais acanhados, em confusões, suposições e sofrimentos, crises que dominam corações, falta paz, há inquietações.

Morre a política, autoridades para organizar, seguro programa aos desejos das massas, por elas enganadas, expoliadas, ouça quem tem ouvidos para escutar.

Vai a ciência por um labirinto de indecisões, e o Reino do Céu desprezado, Deus de forma humana, criam as religiões, o reino da Terra adornado.

Acrescente-se as palavras seguintes, aos vícios que dominam classes: nos costumes, pensamentos e alimentação, Não há amor, bondade, verdades nem pão.

Manoel Osvaldo Valgas

2ª série do Curso Clássico

Examinar é ensinar

A Escola Nova — que já conta algumas dezenas de anos —, em oposição à Escola Tradicional — que ainda resiste heroicamente em nosso meio — visa a desenvolver no adolescente “o criticismo, o sentido da liberdade, a noção de imanência e de relatividade, o sentido do particular e do EXISTENCIAL” (Ansary Terwagne, La Nueva Pedagogia).

Se “escola é vida”, claro que outro não haveria de ser o pensamento da Pedagogia Moderna. É Lauro de Oliveira Lima alertando que “o professor não ensina; o professor ajuda o aluno a aprender”. É Jacques Maritain pregando “a principal tarefa da educação está, antes de tudo, em alimentar o dinamismo por meio do qual o homem se faz homem”. É Renzo Titone escrevendo que “o aluno se auto-educava ativamente”.

Dentro desta Filosofia da Educação há que encarar, também, e principalmente, uma nova Filosofia do Exame.

Para T. Raymont, no livro Educação Moderna, “os exames constituem parte de alguma espécie de filosofia da Educação”.

Três são os objetivos de um exame: 1 — diagnosticar o ensino e a aprendizagem; 2 — avaliar numericamente o rendimento do aluno para aprová-lo ou não; 3 — **ampliar os conhecimentos**.

Se bem que para um grande número de professores só conte o item 2.

Daí que, hoje ainda, “examinar” seja sinônimo de “dar nota”, quando devera ser “oportunidade dada ao aluno para “**ampliar conhecimentos**”.

Exame não deve, não pode ser “processo seletivo que tenha por objetivo promover a triagem dos que estejam destinados a dirigir a sociedade”.

“A democracia educacional tem como meta a eliminação de qualquer discriminação nas oportunidades de educação”. (VISAÇÃO, 24/6/66).

A Escola Primária e Secundária é apenas a forma de promover e acelerar a maturação que se realiza espontaneamente, no dizer perfeito de Lauro de Oliveira Lima. Isto significa que, mesmo sem a escola, a educação se realiza.

A solução, hic et nunc, seria a promoção automática.

Enquanto ela não vier — é preciso ter coragem, para tomar uma medida revolucionária assim — deveremos, os professores cruzar os braços, ou melhor, continuar com os braços cruzados, as pernas amarradas os olhos vendados?

Abolutamente. O Ensino está em crise. Os Exames não examinam coisa alguma! (êles “dão nota!”). Responsável? O grande responsável? O Professor.

Não há Escola, não há Filosofia da Educação, não há Filoso-

fia dos Exames in abstrato. Tudo se existencializa no Professor. Ele é a Escola. Ele é a Filosofia da Educação. Ele é a Filosofia dos Exames.

Mudemos os exames! Vamos abolir “exames” cujas “soluções” estejam nos cadernos de apontamentos ou nos livros didáticos. Repetir, um gravador faz melhor do que uma criatura humana. Nota dez ao gravador!

Quando um aluno “cola”, a culpa é do professor. A resposta estava à mão. No caderno. O professor não queria aprendizagem; o professor queria devolução de informações.

Suponhamos que ensinar seja ativar no aluno os fatores X e Y. Examinar será ativar, no mesmo aluno, os fatores X, Y e Z. Principalmente o fator Z. É com êle que o aluno se está auto-educando.

Um exemplo. Em determinado exame, o professor formulou o

seguinte quesito: “Dê o conceito de Sociologia”. O aluno escreveu o conceito analisado em aula. Não houve aprendizagem. Não houve criação. Não houve ampliação de conhecimentos. Não houve Exame. Houve Dogmatismo. Não houve CRITICISMO. Houve o magister dixit. Não houve o “alumnus creavit”.

Não teria sido melhor, muito melhor se o professor houvesse entregue ao aluno vários conceitos de sociologia e solicitado aná-

lise do mais adequado? Nesta análise, inclusive com consulta de todos os apontamentos, — com o que se elimina o convite à “cola” — o aluno, desenvolvendo e ampliando os seus conhecimentos, chegaria a tomar “uma atitude crítica”, chegaria a uma conscientização do problema, que é, em última análise a verdadeira função da Escola no Mundo Moderno.

Celestino Sachet

Livraria «ATLAS»

Livro para tudo e para todos

FELIPE SCHMIDT, 52

FONE: 3587

Florianópolis

S.C.

ESCLARECENDO

(Continuação)

Art. 6: — Todos os homens têm direito ao reconhecimento, seja onde for, de sua personalidade jurídica.

Art. 7: — Todos são iguais perante a Lei e têm direito, sem qualquer distinção, à igual proteção da Lei. Todos têm direito à uma proteção igual contra qualquer discriminação violadora da presente Declaração, e contra todo o estímulo que leve a tal discriminação.

Art. 8: — Toda pessoa tem o direito de recurso efetivo às jurisdições nacionais competentes contra os atos violadores dos direitos fundamentais que lhes sejam reconhecidos pela Constituição ou pela Lei.

Art. 9: — Ninguém pode ser arbitrariamente preso, detido ou exilado.

Art. 10: — Qualquer pessoa tem direito, em plena igualdade a que sua causa seja ouvida, pública e equitativamente, por um tribunal independente e imparcial que decidirá, seja de seus direitos e obrigações, seja do fundamento de qualquer acusação, em matéria penal, contra ela dirigida.

(No próximo número aguardem a continuação desses direitos. É sempre bom lembrar que os coitados, virtualmente, ainda estão vivos).

BANHEIRO

Tem uns e outros banheiros aqui no I. E. E., que precisam da averiguação interna e pessoal dos seus assíduos frequentadores, para constatar sua verdadeira personalidade. Outro dia um colega nosso, entrou num dos tais banheiros sem identificação e foi forçado a sair às pressas. É que havia lá duas serventes, que nem sonhavam com uma perturbação dessas. Solicitamos o solene batismo desses fiéis servidores dos alunos do I. E. E.

BIBLIOTECA

A nossa recém-nascida biblioteca anda precisando de um silênciozinho. Com a droga daquele barulho que até ouvido de velho sexagenário pode ouvir, o “cara” não estuda nada mesmo. Pois se aquelas bibliotecárias já são um problema pra gente concentrar atenção nos alfarrábios...

ROUBO

Outro dia a Redação do Jornal

recebeu uma visitinha de alguns elementos cujas intenções não eram lá muito boas. Roubaram 2 pincéis atômicos, fora o que de sejavam roubar.

SETE DE SETEMBRO

Falso sorriso e inconformada obediência. Isso é o que foi a marcha das Escolas de Florianópolis. Demonstrando um patriotismo de fachada? E os outros caras que estavam lá, vendo o negócio, pensavam que era sério mesmo.

Coitados! Estão muito por fora...

VELHA GUARDA

A velha guarda está dando baixa do regimento.

Professor Hélio Barreto vai dar no pé e a professora Rodolina Moellmann já deu.

Vão ganhar uma merecida cenzuzinha prêmio. Prêmio para eles, que já estão cansados de ver a nossa cara, e prêmio para nós também...

Casa Luciane

Entre, veja, pegue... e pague mais barato, pelo “piso” legal!

A TREMENDA EM CALÇADOS

ESTÁ ALÍ NA BULÇÃO VIANA N. 83

«A última página, é sua»

Gremistas de 1964, cadê as nossas medalhas de ouro?

Gerônimo W. Machado

E... fala-se muito em boa educação e preparação dos jovens de hoje — mandões de amanhã. A nossa geração é a dos ditos. Como "somos preparados"? E como nos preparamos! É formidável!!!

Justa e honestamente, não?

Pois sim... Vejamos. Lá, além no ano de 1964 — se não erramos — houve, neste colégio — IEE — uma série de competições esportivas e culturais, patrocinadas pelo GEPJB — o nosso grêmio estudantil. Medalhas de ouro e outros prêmios — que à época naquele recuado ano, já haviam

sido abiscotados pelos então gremistas, para premiarem aos vencedores das competições — seriam entregues aos vencedores. "Seriam". Sim, seriam. Porém...

Porém... três pontinhos. As medalhas, os prêmios jamais foram entregues — aos melhores dos concursos. Jamais.

Mas isto faz parte da boa preparação dos nossos jovens para o futuro!?

Trabalharam tanto, organizaram tão bem, estão tão preparados que não entregaram nunca os prêmios e as medalhas de ouro, aos que a ela fizeram jus.

E... — leitor amigo — não desconfie do teu articulista. Ele

é um dos próprios premiados. Foi o vencedor de um daqueles concursos, porém... Dirás tu, ainda — minha leitora (!) — que ele está puxando brasa para a sua sardinha. Mas, e daí? — O que tu farias se ganhasse o primeiro prêmio dos "seus talões valem milhões" e os milhões não te fôssem entregues? Não dirias nada? Não reclamarias? — O que senhor!!! A situação é idêntica, não é?... Não difere tanto assim, porém...

O articulista ganhou uma medalha de ouro, que jamais recebeu e nunca viu. Onde está ela? E parece que isto sucedeu a todos os concorrentes, ou...

Os vencedores daqueles concursos de: oratória, declamação, rainha dos nossos estudantes de 1964, etc., receberam os seus prêmios? — o articulista não recebeu nada.

Gremistas de 1964, como vocês estão se preparando para o futuro? Preparem-se bem, sim? — Isto é importante!

Ah! mas primeiro respondam a estas perguntas! E... olhem aqui, baixinho! — não se preparem muito mal!

Receberemos nossos prêmios, ou não?

Cadê as nossas medalhas, cadê — gremistas de 1964?

O DIÁLOGO

Florianópolis, 26 de Setembro de 1966

Dialogando

Nesta seção estaremos apresentando nossas críticas e sugestões sobre nossos disc-jockeys, bem como apresentando as últimas novidades dessa atividade essencialmente radiofônica.

Após longo e tenebroso inverno a RAG voltou a apresentar, "Música para Milhões". Seria ótimo que o seu apresentador não pronunciasse aquele "S" em "milhões" tão exageradamente longo. Horário: 22,00 às 23,00 horas.

Continua efervescendo a concorrência entre Walter Souza e João Ari no sentido de apresentar mais novidades ou "exclusividades" aos seus ouvintes; e são estes que tem a lucrar realmente.

Souza Miranda, mudou de pre-

fixo (agora na RSC) mas não mudou seu velho lema; muita falta e pouca música.

Paulo Martins, autêntico representante da "jovem guarda" no rádio florianopolitano, continua liderando o horário, com "A Música que Você Pediu"; 11,00 horas às 11,30 horas.

Continua agradando a todos que vêm a música o seu descanso mental, a apuradíssima seleção musical de "Serenata Moderna" de W. Souza, às 23,10, na RDM.

NOSSA SUGESTÃO: Santa Catarina Hit. Parade (RSC — às 10 horas dominical).

André Luiz Raulino

3º M-1.

Congratulações estudantis

Recebemos o seguinte ofício: Exmo. Sr. Diretor Roberto Cascaes DD. Diretor do Quinzenal "O Diálogo" Instituto Estadual de Educação NESTA "Florianópolis, 14 de setembro de 1966

Ofício n. 006-66/67.

Senhor Diretor

Com imensa satisfação, recebemos o primeiro número do quinzenal "O Diálogo".

Esperamos com maior interesse e emoção os próximos números, os quais, temos certeza, nada ficarão a desejar.

Alicejamos à Vossa Senhoria uma profícua gestão, nos colocamos à disposição, e apresentamos nossas cordiais

Saudações Universitárias

Diretório Acadêmico "José Boiteux"

Ermes Tadeu Zapelini - Presidente.

Resposta

Prezados colegas,

Muito interessante, o primeiro número de de "O Diálogo", porém com alguns artigos um tanto injusto para com a atual Diretoria do Grêmio Estudantil Professor José Brasilício, e em especial para com minha pessoa e para com a do colega Aderbal José Zunino e isto sem falar da maneira um tanto deselegante pela qual se referiram ao Professor Pereira, até parece que os redatores deste jornalzinho tem mágoa deste nome.

Todos os alunos, isto é, a maioria, do Colégio acharam graça e em especial aqueles que nunca tiveram parte ativa na vida estudantil, com franqueza, eu esperava uma crítica ao Grêmio, mas nunca, da maneira pela qual foi publicada; esperava que os colegas redatores tivessem um pouco mais de maturidade e antes de me criticarem deveriam ter me procurado para que eu os colocasse a par de toda a situação gremística, da falta de apoio da Direção do Estabelecimento e dos próprios alunos deste.

Chamaram-me de traidor e nem sequer sabem por que o fizeram, mas, quero deixar bem claro que eu não me julgo traidor e que jamais quiz fazer do Grêmio um meio de projetar ou de alcançar uma posição de destaque entre meus colegas de escola, agora, neste momento, os caros colegas já tiveram oportunidade de ver quais as dificuldades contra as

quais lutamos e certeza, tenho, de que deixarão de me criticarem pois, bem me conhecem e sabem perfeitamente de que se eu quizesse ter apenas projeção e posição, teria me candidatado à presidência do Grêmio no ano p.p.

Minha defesa não precisa ser tão longa pois os próprios redatores deste jornal a escreveram no número anterior por exemplo: o nome do Diretor deste jornal e do corpo de redatores foi escrito duas vezes, para que? talvez queiram aparecer??? Para defesa do Grêmio e da Diretoria basta citar aquela frase que está escrita lá na Apresentação: Se não está bom, cabe a você melhorá-lo. Entenderam?

Outra, que muito me surpreendeu, foi o artigo "O Estudante" o qual foi escrito pelo colega Sérgio Bonson, gostei da lição de moral e vejo que o colega se esqueceu de que ele é um desses menores que se servem da carteira com idade falsa, dando um ótimo exemplo de ombridade, resta-me ainda lembrar-lhes que os colegas precisam saber respeitar para serem respeitados.

Sem mais despeço-me, pondo-me à sua disposição, enviando-lhes cordiais saudações estudantis

(a) José Pereira da Costa
3º Med.-1

(publicado na íntegra, sem qualquer retificação ou revisão).

Telegrama à Redação

Câmara Municipal Florianópolis aprovando proposição vereador Murilo Vieira vg cumprimenta essa equipe et alunos Instituto Educação feliz iniciativa lan-

camento jornal "O Diálogo" vg porta voz estudiosa florianopolitana pt Cordiais saudações.

Arnaldo Alfredo Fuhrmann,
1º Secretário.